

## **ALFABETIZAÇÃO: AS PRÁTICAS EXITOSAS NA SALA DE AULA E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR ALFABETIZADOR.**

Autor: Rachel Rachelley Matos Monteiro; Co-autor (1): Mariana Cunha Castro; Co-autor (2): Sayonara Fernandes Chagas; Co-autor(3): Maria de Lourdes da Silva Neta

*Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: rachel.monteiro@aluno.uece.br*

*Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: mariana.cunha@aluno.uece.br*

*Universidade Estadual do Ceará-UECE. E-mail: sayonara.fernandes@aluno.uece.br*

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. E-mail: neta.lourdes@uece.br*

**Resumo do artigo:** A alfabetização é considerada atualmente como um dos temas centrais da educação. Compreendemos esta etapa como fundamental no repertório de conhecimento e saberes do ser humano. Percebe-se hoje que vem se discutido sobre os investimentos em processos educacionais voltados à prática de alfabetizar as crianças em um “tempo certo”. No Brasil, e mais especificamente no estado do Ceará, acompanhamos algumas implementações nas escolas municipais, entre estes processos o Programa de Alfabetização na Idade Certa-PAIC. Neste sentido este trabalho apresentou a Alfabetização e o Letramento; O ambiente alfabetizador; Formação do professor alfabetizador e as práticas exitosas. Tivemos como objetivo compreender as práticas exitosas no processo de alfabetização. O nosso objeto de estudo foram às práticas educativas no processo de alfabetização. Esta pesquisa foi realizada através de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, também constitui-se como uma pesquisa exploratória. Realizamos uma entrevista semiestruturada com uma docente da rede pública municipal da cidade de Fortaleza-CE, no ano de 2017, além de uma observação não-participante de suas aulas na turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Diante disso percebemos alguns caminhos possíveis para uma prática pedagógica e a contribuição do processo de alfabetização inserido em aspectos que situam o indivíduo no lócus de aprendizagem. No contexto da sociedade contemporânea, alfabetizar partindo apenas do domínio da leitura e escrita no ato de codificar e decodificar é considerado insuficiente. É preciso que, além disso, se tenha o exercício competente nas diversas situações em que se faça necessário o uso da leitura e escrita. É necessário repensar as atividades propostas e também pensar no como fazer, haja vista a autonomia da sala de aula concerne na atuação do professor.

**Palavras-chave:** Alfabetização, Formação, Práticas Docentes.

### **INTRODUÇÃO**

No âmbito educacional no decorrer dos anos, percebemos mudanças significativas a respeito da alfabetização, “alfabetizar toda a população brasileira”. Muito se discute as formas que isso acontece, principalmente, em seus tempos históricos e situações necessárias.

Segundo o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (2015):

No âmbito do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (doravante PNAIC), adota-se a abordagem da alfabetização na perspectiva do letramento, na qual se busca favorecer situações propícias de aprendizagem do funcionamento do sistema de escrita alfabética, de modo articulado e simultâneo às aprendizagens relativas aos usos sociais da escrita e da oralidade. (p.7)

Por muito tempo foi considerada uma pessoa alfabetizada quando o indivíduo conseguia compreender uma mensagem com informação ou com conteúdo que utilize diariamente. Porém, nas universidades e escolas uma pessoa alfabetizada está para além de um processo que muito tempo pensou-se em um processo de codificar e decodificar e, sim, compreender as relações de prática social sobre o determinado contexto. Ou seja, ser uma pessoa alfabetizada é caminhar em conjunto com a reflexão das práticas sociais e possibilidades socializadas. (FERREIRO E TEBEROSKY, 1986).

Atualmente muito se tem discutido sobre os investimentos em processos educacionais voltados ao alfabetizar as crianças em um “tempo certo”. No Brasil, e mais especificamente no estado do Ceará, acompanhamos as implementações nas escolas municipais do Programa de Alfabetização na Idade Certa-PAIC), como também outros programas governamentais como, por exemplo: PNLD-Plano Nacional do Livro Didático. Diante disso, passamos a nos questionar quais as práticas exitosas na sala de aula que concerne no processo de alfabetização? Com o intuito de responder este questionamento temos como objetivo compreender as práticas exitosas no processo de alfabetização. Nossos objetivos específicos foram: analisar a formação do professor alfabetizador, suas práticas exitosas, o ambiente alfabetizador e refletir sobre as práticas pedagógica dos profissionais docente em sala de aula.

A justificativa deste trabalho surge na inquietação sobre os assuntos de alfabetização e letramento além de discussões incisiva em disciplinas específicas no curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará-UECE. Principalmente, disciplinas de Ensino de Português I e II. E o objeto de estudo são as práticas educativas no processo de alfabetização.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada através de uma abordagem qualitativa, bibliográfica e documental, também constitui-se como uma pesquisa exploratória. Realizamos uma entrevista semiestruturada com uma docente da rede pública municipal da cidade de Fortaleza-CE, no ano de 2017, além de uma observação não-participante de suas aulas na turma de 1º ano do Ensino Fundamental. Por fim, realizamos explicações prévias sobre alfabetização e letramento e como as duas acontecem no contexto da educação básica, assim como abordaremos o conceito de ambiente alfabetizador.

Este estudo tem a abordagem qualitativa, pois identifica-se com a compreensão sobre o conhecimento. É por sua vez bibliográfica, pois tomamos como base estudos e pesquisas já existentes Para Gil (2002, p. 41) a pesquisa

exploratória envolve: “(a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão.” Nossa entrevista foi semi-estruturada que segundo Manzini (2004) “[...] a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”. Este estudo apoiou-se em: Cavalcante (2014), Dias (2001), Ferreiro e Teberosky (1986), García (1999), Gil (2002), Libâneo (2016), Magalhães (1997), Manzini (2004), Soares (2004). Além do Plano Nacional de Educação-PNE (2014), Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização (2015) e o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Alfabetização e Letramento**

A alfabetização se caracteriza como o método de apreensão de leitura e escrita que perdurou por muito tempo no Brasil, assim como em diferentes partes do mundo. A alfabetização é caracterizada como método tradicional, em outras palavras: fônico (também conhecidos por sintético ou fonético), que pouco estimula a criatividade do aluno e utiliza-se de cartilhas de alfabetização, onde são demonstrados a partir das letras (grafemas) e dos sons (fonemas) para formar, com elas, sílabas, palavras e posteriormente frases. Esse método que por bastante tempo perdurou, pouco possibilitava a criticidade das crianças demonstrando a necessidade de que houvesse mudanças no mesmo.

Dessa forma, surge o letramento que caracteriza-se como uma aprendizagem da leitura e escrita de forma crítica e de acordo com o meio social em que as crianças, jovens e adultos estão inseridos, baseado pioneiramente no método construtivista. Nesse sentido, há um dinamismo maior entre a relação professor-aluno onde o educando possui mais autonomia, e é levado em consideração os conhecimentos prévios que o educando traz de seu meio social. Uma pessoa letrada é aquela que entende aquilo que escreve e ler.

Reconhece-se que Alfabetização e letramento são processos diferentes, porém, como traz Soares, são interdependentes e indissociáveis, ou seja, são processos que andam lado a lado no que diz respeito ao ensino da leitura e escrita.

[...] alfabetização e letramento são interdependentes e indissociáveis: A alfabetização só tem sentido quando desenvolvida no contexto de práticas sociais de leitura e de escrita e por meio dessas práticas, ou seja,

(83) 3322.3222

contato@joinbr.com.br

**www.joinbr.com.br**

em um contexto de letramento e por meio de atividades de letramento; este, por sua vez, só pode desenvolver-se na dependência da e por meio da aprendizagem do sistema de escrita. (SOARES, 2004, p. 97).

Neste sentido compreendendo o letramento e a alfabetização como caminhos que devem "andar de mãos dadas" para que os sujeitos neste processo consigam de fato compreender a leitura e escrita como uma função social.

### **O ambiente alfabetizador**

O ambiente alfabetizador caracteriza-se como um espaço escolar que apresenta os elementos necessários para incentivar os educandos rumo a aprendizagem. Nessa perspectiva, este espaço pode oferecer, por exemplo: cantinho da leitura, espaço da matemática, alfabetos nas paredes, jogos, murais que apresentem as produções das crianças, alfabetos móveis, recursos diversos como: lápis, canetinhas, colas coloridas, entre outros instrumentos.

Além do sentido “dinâmico” o ambiente alfabetizador também é aquele que possui: listas de frequência, listas numéricas, ficha com o nome de cada criança, etc. Neste sentido, a criança sente-se acolhida pelo lugar onde se encontra, pois ali ver diferentes elementos que instigam sua aprendizagem e também atribuir às letras a função social, pois sem elas não seria possível realizar inúmeras atividades diárias. Segundo o Referencial Nacional para Educação Infantil - RCNEI (1996), ambiente alfabetizador é aquele que “promove um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais as crianças têm a oportunidade de participar.”

Além de todos estes aspectos o ambiente alfabetizador é um local que possibilite as contribuições necessárias para que haja efetivamente uma alfabetização que consiga superar os desafios sociais atualmente.

Apesar da sala de aula que realizamos nossa pesquisa ser um ambiente pequeno, a professora conseguiu utilizá-lo da melhor maneira possível. Existiam desenhos e pinturas feitos pelos estudantes nas paredes. Visualizamos também o alfabeto (com figuras, letras cursivas e de forma assim como o alfabeto em libras) e diversos números dispostos na sala de aula. Porém, não se consiste em um espaço ideal para que crianças pequenas possam realizar suas diversas atividades diárias, por exemplo, quando faz-se necessário uma roda de conversa, uma contação de história, é necessário o afastamento de cadeiras e mesas para que essa atividade possa acontecer de maneira mais acessível, dificultando diariamente a continuidade no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo o Plano Nacional de Educação 2014/2024 na Meta 5 tem como objetivo “alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental.” Para que isso ocorra existem 7 estratégias para a efetivação dessa meta entre elas:

5.1) estruturar os processos pedagógicos de alfabetização, nos anos iniciais do ensino fundamental, articulando-os com as estratégias desenvolvidas na pré-escola, com qualificação e valorização dos (as) professores (as) alfabetizadores e com apoio pedagógico específico, a fim de garantir a alfabetização plena de todas as crianças; (BRASIL, 2014).

Neste sentido, o professor passa a possuir um papel fundamental, o de mediador deste processo de ensino aprendido, tendo em seu domínio diferentes instrumentos que objetivam tornar sua aula mais dinâmica e rica. Paralelamente, a escola precisa compactuar com este processo. Segundo Cavalcante (2014):

A escola é uma instituição social com objetivo de desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos, que deve acontecer de maneira contextualizada, desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (p.38).

### **Formação do Professor alfabetizador e as práticas exitosas**

A professora ao qual entrevistamos é licenciada do curso de Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (2008) e possui pós-graduação em alfabetização e letramento, exerce a docência desde 2010, porém ainda na graduação atuava em reforço escolar, possui também experiências com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A docente compreende a alfabetização não apenas na perspectiva de decodificação, mas na própria função social que possui intercalando com o processo de letramento. A docente interioriza que alfabetizar é ensinar ler, escrever, mas, principalmente que a criança compreenda o que leu e estabeleça relações. A docente entende que o letramento são as relações de vivência de mundo que cada ser humano estabelece em sua vida.

Entendemos como “práticas exitosas” de ações que ocorrem na sala de aula que contribui no papel educativo e formativo dos educandos. Compreendemos como atividades, atos em que o docente é mediador deste processo de ensino e aprendizagem.

Durante a entrevista com a professora realizamos algumas perguntas entre elas: “Qual a sua formação?”, “Em sua perspectiva, o que é alfabetização?”, “A professora compreende se existe uma diferença entre alfabetização e letramento? Se, sim qual?”, “Como ocorre os seus planejamentos para as aulas de português?” e por fim,

“Quais as atividades exitosas na sala de aula do 1º ano?” Entendemos que práticas exitosas

A professora suscita que o seu planejamento ocorre nas segundas e terças feiras durante um período. A profissional docente e as outras professoras seguem o projeto do PAIC-Programa de Alfabetização na Idade Certa, além dos documentos como o PNLD-Programa Nacional do Livro Didático, mas ela também tem autonomia de se utilizar dessas propostas e não de ser utilizada. Percebemos que a professora consegue estabelecer as relações necessárias em seu planejamento com a elaboração das atividades, como também na construção do conhecimento.

A docente menciona também que o planejamento é realizado por ela, mas também dialoga com a professora PRB e com as demais professoras das outras turmas, além de sempre tentar levar para a sala de aula atividades do contexto social das crianças, situações que elas vivenciam o que é bastante interessante, pois, assim a troca de saberes existe entre os docentes. Por fim, consegue ensinar aos alunos dentro de um contexto que eles vivenciam. De acordo com Libâneo (1990, p. 222), “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e problemática do contexto social.”

É interessante ressaltar que a professora narrou que consegue utilizar em todas as aulas a interdisciplinaridade dos conteúdos, dos saberes. A aula de matemática não está dissociada com a aula de português ou de ciências. Segundo García (1999) "A inter-relação entre as pessoas promove contextos de aprendizagem que vão facilitando o complexo desenvolvimento dos indivíduos que formam e que se formam." (p. 21).

A professora nos conta que ela tenta sempre estabelecer a disciplina, no sentido que os alunos compreendam a relação “superior” que a docente possui, sem contudo não deixando de lado a afetividade, pois ela percebe que os alunos não recebem a atenção devida em casa e poucos pais se preocupam com as atividades de casa ou até mesmo de acompanhar a aprendizagem da criança. Indagada pelas atividades exitosas ela acredita bastante em atividades lúdicas como “Bingo de letras”, “Alfabeto Móvel”, “Cartela com figuras”, “Bingo de numerais”, acredita também que muitas atividades consideradas no âmbito pedagógico tradicional, ainda podem contribuir, porém realizando de maneira adequada entre elas a própria cópia ou o ditado. Existe também uma “técnica” que ela utiliza sempre na sala de aula que chama-se “Atalhos estruturais” que a docente sempre questiona aos seus alunos sobre “Qual a letra inicial?”, “Qual a letra final?”, “Quantas letras têm?” e no decorrer ela vai

criando novas perguntas para sempre eles possam estar aprendendo.

Durante a entrevista a professora apresentou bastante entusiasmo em poder lecionar com 1º ano do ensino fundamental e também com o infantil V, acredita que essa fase e começo da alfabetização são de extrema importância para o ser humano e que ela precisa ser motivada, existir estímulos para que ela consiga durante o processo atingir as metas. Contamos que é bastante feliz em trabalhar com essas turmas, pois consegue acompanhar os seus alunos durante esses dois anos e acredita que isso contribui bastante na construção desse desenvolvimento, pois desde o Infantil V ela executa atividades para incentivar o desenvolvimento da escrita entre eles “o movimento de pinça”. Percebemos, assim, ser bastante interessante, pois na educação infantil é necessário trazer atividades contextualizadas e lúdicas para que aos poucos possam desenvolver a motricidade global das crianças, e que é importante primeiro trabalhar com a coordenação ampla como de braços e antebraços para depois trabalhar-se com a coordenação. É necessário que na creche ou pré-escola, os professores possam traçar atividades com os segmentos corporais das crianças. Segundo Magalhães (1997, p. 39) “Assim sendo, trabalhar a coordenação motora na pré-escola significa bem mais do que o treino viso-motor das crianças.”

A professora também ressalta que por muitas vezes realiza atividades diferenciadas para cada criança, pois alguns estão em níveis de escrita diferentes. Justamente o que autora Dias (2001) através dos estudos da Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986) vai discutir sobre os níveis de escrita das crianças, entre eles o nível pré-silábico, nível silábico, nível silábico-alfabético e o nível alfabético.

A docente entende que encaminha atividades para casa, mesmo sabendo que os pais por muitas vezes não conseguem contribuir, porém acredita que seja bastante importante, sempre realiza todos os dias roda de leitura, quando não é leitura em um texto, coloca um CD narrando alguma história, sempre estabelece disponibilidade para que as crianças falem, se expressem. Dias (2001) em sua obra “Ensino da Linguagem no Currículo” exemplifica que a oralidade é o principal meio de acesso à leitura e a escrita onde ambos devem andar juntos.

Segundo García (1999, p.38) "Um bom professor é uma pessoa, uma personalidade única, um facilitador que cria condições que conduzem à aprendizagem e, para o conseguir, os professores devem conhecer os seus estudantes como indivíduos. ". Assim, reconhecemos a importância da Educação Infantil no processo de oralidade do indivíduo, uma vez que as crianças dos anos iniciais estão se apropriando dessa oralidade. Diferentemente do que se pensa, a oralidade vai muito além da fala.

Desenvolver a oralidade significa desenvolver a competência comunicativa, onde o sujeito saiba lidar com ela nas situações variadas.

## CONCLUSÃO

Diante disso percebemos alguns caminhos possíveis para uma prática pedagógica e a contribuição do processo de alfabetização inserido em aspectos que situam o indivíduo no lócus de aprendizagem. É necessário repensar as atividades propostas por um governo que conduzam “de cima para baixo”, mas que também possamos pensar em como fazer, pois ainda a autonomia da sala de aula concerne na atuação do professor.

Dessa maneira conseguimos compreender algumas atividades contribui nesse processo de alfabetização; práticas exitosas em sala de aula como a doente utiliza-se de “Bingo de letras”, “Alfabeto Móvel”, “Cartela com figuras”, “Bingo de numerais”, mas também com indagações que permeia as crianças compreender aspectos constituídos na língua escrita e falada, principalmente, palavras que elas consigam relacionar com objetos, pessoas, fenômenos que elas conheçam. E esses aspectos são fundamentais para o processo de alfabetização; alfabetização que está para além de um simples processo de codificar e decodificar, mas sim de interiorizar e de se utilizar.

No contexto da sociedade contemporânea, alfabetizar partindo apenas do domínio da leitura e escrita no ato de codificar e decodificar é considerado insuficiente. É preciso que além disso, se tenha o exercício competente nas diversas situações em que se faça necessário o uso da leitura e escrita.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Plano Nacional de Educação - PNE. Lei nº 13.005**/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2014.

BRASIL. **Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A oralidade, a leitura e a escrita no ciclo de alfabetização.** Caderno 05 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. Disponível em:

[http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos\\_2015/cadernos\\_novembro/pnaic\\_cad\\_5\\_19112\\_015.pdf](http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Cadernos_2015/cadernos_novembro/pnaic_cad_5_19112_015.pdf). Acesso em 02 set. 2017.

Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para Educação Infantil.** MEC/SEF, 1998.



CAVALCANTE, Maria Marina Dias. **Pedagogia Universitária: um campo de conhecimento em construção.** Fortaleza: EdUECE, 2014.

DIAS, Ana Iorio. **Ensino da Linguagem no Currículo.** Fortaleza, CE: Brasil Tropical, 2001.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1986.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de Professores Para uma mudança educativa.** Coleção Ciências da Educação século XXI. Porto Editora, 1999.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** Campinas; SP. Ed. Papyrus, 1990. Disponível em: <http://docslide.com.br/documents/12-didatica-jose-carlos-libaneo.html> Acesso em 18 nov. de 2016.

MAGALHÃES, M. **A psicomotricidade na pré-escola.** Fortaleza: Universo, 1997.

MANZINI, Eduardo José. **Entrevista Semi-estruturada: Análise de Objetivos e de Roteiros.** Depto de Educação Especial do Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Estadual São Paulo (UNESP), Marília, SP. 2004. Disponível em: <http://www.sepq.org.br/Isipeq/anais/pdf/gt3/04.pdf>; acesso em 21 mai.2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento: caminhos e descaminhos.** Revista Pedagógica: Artmed Editora. 2004.